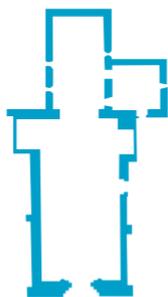


30.

IGREJA DE SÃO MARTINHO DE MOUROS



Avenida Nené Ribeiro
São Martinho de Mouros
Resende



41° 6' 6.90" N
7° 53' 54.92" O



918 116 488



Dom. 8h



São Martinho
11 novembro



Monumento Nacional
1922



P. 25



P. 25



x

Impo-
nente, a Igreja de São Martinho de Mouros ergue-se
a meia encosta, sobre o curso terminal do ribeiro de
Bestança (ou de São Martinho), no seu caminho rumo ao
rio Douro. Desde logo impõe-se a sua silhueta, afastada
do casario. O maciço turriforme que forma a sua fachada
principal torna esta Igreja românica deveras singular,
quer pelo seu carácter inédito no seio do românico portu-
guês, quer pelo pretenso carácter militarizado que assume
- mais retórico do que efetivo, pois a estas últimas funções
respondia, nas proximidades, o castelo de São Martinho.
Este aspeto é acentuado pelas estreitas frestas que ilu-
minam a nave. Na parte superior, uma cornija apoia-se
sobre uma banda lombarda, motivo muito utilizado no
românico das bacias do Sousa e do Tâmega, cujos arqui-
nhos são sustentados por cachorros com decoração zoo-
mórfica, em forma de cabeças de bovídeos, algumas delas
mais acabadas, outras mais esboçadas ou desgastadas.
Ocupando toda a largura da Igreja, esta fachada-torre
enquadra, por sua vez, um portal cujas arquivoltas des-
cansam em capitéis de temática animal e vegetal, ele-
gantes e com a escultura já presa ao cesto, anunciando
os tempos góticos que virão. O conjunto é envolvido

por friso enxaquetado e a sua imposta prolonga-se por toda a fachada. Logo acima deste vemos ainda quatro cachorros que atestam ter existido aí uma estrutura alpendrada.

O caráter tardio da edificação de São Martinho de Mouros é-nos indicado por meio de uma inscrição, relativa ao ano de 1217, que por estar gravada na face exterior da capela-mor (lado norte, primeira

fiada acima da sapata e quinta pedra a contar da direita) ou diz respeito ao início da construção desta Igreja românica ou memora a conclusão de uma primeira fase construtiva, ou seja, da cabeceira. Edificada, pois, já em pleno século XIII, a Igreja de São Martinho de Mouros apresenta-nos uma cronologia que se aproxima das suas congéneres dos vales do Sousa, do Tâmega e do Douro.

A IGREJA-FORTALEZA

Não nos podemos esquecer que, de um modo geral, o ambiente da Reconquista cristã se refletiu na arquitetura românica portuguesa, pois foi aqui que este novo estilo arquitetónico encontrou um ambiente e um espaço de afirmação muito próprio de desenvolvimento, impondo-se à medida que avançava a reorganização do território fomentada pelos monarcas cristãos.

A designação de "igreja-fortaleza" é por demais referida na nossa bibliografia dedicada ao românico, particularmente naquela que se desenvolveu em inícios do século XX. O facto de muitas igrejas aparecerem ameadas e de surgirem algumas torres com caráter militar, associadas a monumentos de caráter religioso (embora estas sejam na sua maior parte da época gótica), como a do Mosteiro de Travanca (Amarante) (p. 212), são justificações suficientes para que muitos autores defendam a existência de uma tipologia tipicamente portuguesa e que acusa um notório caráter militar, embora este seja mais retórico do que propriamente efetivo. Digno de nota é o facto de esta Igreja ser a única que foi tratada, com igual importância, no rol de *Castelos do 1.º período medieval* na monumental obra da autoria de Damião Peres, dada ao prelo em 1969, intitulada *A gloriosa história dos mais belos castelos de Portugal*.





Embora sejam escassos os dados históricos relativos à Igreja de São Martinho de Mouros, é seguramente no século XIII que encontramos as primeiras referências documentais que a ela se referem. A partir de então estas tornam-se mais regulares. De padroado real, conforme informação das *Inquirições de 1258*, a Igreja passou para outras mãos, a Casa de Marialva (século XV) e a Universidade de Coimbra (século XVI).

Entremos. Com a ampla espacialidade da nave única desta Igreja consagrada ao bispo de Tours (França) contrasta a organização espacial do primeiro quarto da Igreja e que corresponde ao maciço turriforme. Aqui deparamo-nos com três estreitas naves coroadas por abóbadas de pedraria paralelas, que se apoiam sobre dois altos e robustos pilares quadrangulares, aos quais se adossam meias-colunas em três dos seus lados. Capitéis esculpidos completam este conjunto: observam-se temas vegetalistas e antropomórficos, onde destacamos a representação de um homem a ser engolido pelas pernas por figuras monstruosas, temática que se repete num capitel do arco triunfal e num dos do portal principal.

Seguramente posterior, o arco triunfal, apontado e encimado por óculo moldurado, compõe-se de três arquivoltas assentes em colunelos embebidos no muro, com capitéis também eles decorados, esculpidos num granito de grão mais fino do que aquele que é utilizado no resto da Igreja, o que também permitiu um mais apurado e definido tratamento das formas esculpidas. Ao nível das arquivoltas vemos motivos denticulados.

Foi durante a Época Moderna que se concebeu o mobiliário litúrgico e demais elementos que habitam na Igreja de São Martinho de Mouros. Cabendo ao padroeiro a fábrica do património da capela-mor, acentuamos aqui o artesoadado com temas hagiográficos e alegóricos que remontará à primeira metade do século XVIII, revelador da espiritualidade e da catequética contrarreformista a que não deve ser alheia a intervenção jesuítica. O retábulo-mor, em estilo nacional, destaca-se pelo trono eucarístico, sobrepujado por uma representação da Ascensão de Cristo. Elaboradas à volta de 1530, na capela-mor salientam-se duas pinturas a óleo sobre tábua que representam cenas da vida de um *São Martinho* caritativo

e místico e que têm vindo a ser, erroneamente, atribuídas à escola de Grão Vasco. Tratam-se antes de trabalhos atribuídos aos Mestres de Ferreirim.

A cargo dos paroquianos, os retábulos da nave, fabricados também dentro da linguagem barroca dita nacional, são mais simples que o maior. Consagram-se os colaterais ao Senhor das Chagas e a Nossa Senhora do Rosário e o lateral (do lado direito da nave) à Senhora do Desterro. Embora não sendo da responsabilidade dos padroeiros, pois situam-se nas paredes colaterais da nave (portanto a cargo dos fregueses), podem ser dos últimos anos do século XV as pinturas de que restaram as representações (hoje encobertas pelos retábulos) de *São Brás* e certa figura feminina envergando um hábito beneditino. Deve-se ainda salientar a presença nos vários altares e sobre mísulas de peças de imaginária de boa qualidade plástica de que destacamos São Martinho de Tours, o orago.

Durante os anos 40 do século XX, a Igreja de São Martinho de Mouros foi alvo de uma profunda intervenção de restauro que procurou acentuar, de forma retórica, o seu aspeto militarizado, isolando a torre sineira ao modo de guarita e demolindo algumas edificações na envoltura da Igreja para dar a esta última uma mais pretendida e altiva legibilidade. No interior, removeu-se o estuque e apeou-se o coro alto que se encontrava na área do maciço turriforme. Já na década de 60 do mesmo século foi desentaipado o curioso arco abatido e ornado com pérolas que vemos na capela-mor, na parede lateral do lado da Epístola, rasgado acima do nível da porta de acesso à sacristia.

